

Fundamentos: A Música
dia 28-11-2023 terça feira às 10h

Pauta: a última canção

se a morte é, ao mesmo tempo o início de todas as humanidades e seu inexorável fim, o tempo presente vislumbra seus extremos num arco circular de acontecimentos. A vida se dá como um disco em cuja borda o tempo se estabelece, é seu infinito, que propicia e restringe cada e qualquer trajetória de seu interior, imprimindo suas marcas, memórias e esquecimentos. Viver é estar no interior do círculo dos infinitos, no disco que contém todas as coisas, modelo hiperbólico, complexo e total. Fora dali, nada existe, mesmo o nada, lá não existe. Não é o lugar do vazio ou do zero, lá não há lugar nem destino, o pensamento não alcança e de lá, nada se pode falar. Tudo está presente no disco dos acontecimentos, da coisa à metáfora, do amor à música e além, do tijolo ao verbo, o big bang e a segunda lei da termodinâmica lá estão e os erros e as conjecturas e as delicadezas, e é ali que tudo se mede, se canta e se conta.

depois de tudo cantado e contado é que surge clara a última pergunta. lá fora os anjos clamam e um monstro se avizinha os sonhos se foram e as obras inacabadas, futuras ruínas se acumulam na história da memória inalcançável e para além do fim e para antes de todo início, há um clarão que oscila e cega e guia e desconcerta os acontecimentos.

depois de tudo cantado e contado a resposta imensa e cruel que se impõe conclusiva e final é apenas mais uma pergunta que se insinua, insiste e que não será respondida ainda não! gritam os pedaços do que fomos, o que se perdeu por que não? responde a última pergunta solitária

... se as aves estão mudas e um deserto de gente e de ideias se alastra pelas salas e ante salas das universidades se as luas tortas se apagaram silenciosas e o sol destina horror e sofrimento, se unindo ao brilho dos metais em 1 só brilho, rompendo bulet o firmamento e seu futuro bang se os justos se acanharam enquanto a estupidez altiva se revela e as máscaras das faces se justapõe em infinitas personalidades que escondem apenas um oco e não um planeta e seus mistérios, se mesmo tudo não é nada como no início da esperança me ensinara a voz da santa inexistente mas presente...

então eu vou, voando ou no rastejo ou na boleia e varo as nuvens que não se importam de me ver passar e despencar no céu distante e profundo, esse chão do chão que me deseja e desejado, me despeço: partiu. Primeiro lanço meus versos meu corpo em seguida me sendo em mim, esse eu-corpo do qual tanto falei, segue o poema inconcluso e diz, diante da última pergunta formulada, Sim! é hora de concluir, avante!

(Ricardo Kubrusly, sua última aula, a última pauta, o vôo no infinito)